Excertos – Marxismo, existencialismo e liberdade

BEAUVOIR, Simone. *Por uma moral da ambiguidade* [1947]. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
JASPERS, Karl. *Filosofia* [1932]. San Juan: Ediciones de la Universidad de Puerto Rico, 1958.
KADT, Emanuel. *Católicos radicais no Brasil* [1970]. Brasília: UNESCO, MEC, 2007.
MOUNIER, Emanuel. *Introducción a los existencialismos* [1962]. Madrid: Ediciones Guadarrama, 1973.
SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada*. Ensaio de ontologia fenomenológica [1943]. Petrópolis: Vozes, 2011.
SARTRE, Jean-Paul. Pour un théâtre de situations [1947]. In : *Un théâtre de situations*. Paris: Gallimard, 1973, p. 19-21.

Marxismo e existencialismo.

"Ocorre, porém, que, no marxismo, se é verdade que a meta, o sentido da ação são definidos por vontades humanas, essas vontades não aparecem como livres: elas são o reflexo das condições objetivas pelas quais se define a situação da classe, do povo considerado; no momento atual do desenvolvimento do capitalismo, o proletariado não pode não querer sua supressão como classe; a subjetividade se dissolve na objetividade do mundo dado; revolta, necessidade, esperança, recusa, desejo são apenas as resultantes das forças externas; a psicologia do comportamento se esforça para conta dessa alquimia.
Sabe-se que é esse o ponto essencial sobre o qual a ontologia existencialista se opõe ao materialismo dialético; pensamos que o sentido da situação não se impõe à consciência de um sujeito passivo, que ele só surge pelo desvelamento operado por um sujeito livre em seu projeto. Aparece-nos como evidente que para aderir ao marxismo, para entrar num partido, e neste antes que naquele, para a ele permanecer ligado de uma maneira viva, o próprio marxista precisa de uma decisão cuja fonte está apenas nele; e essa autonomia não é o privilégio (ou a tara) do intelectual, do burguês; o proletariado tomado em seu conjunto, enquanto classe, pode tomar consciência de sua situação de mais de uma maneira; ele pode querer a revolução através de um partido ou de outro, pode se deixar lograr, como aconteceu com o proletariado alemão, ou adormecer no conforto tedioso que lhe é concedido pelo capitalismo, como faz o proletariado americano" (BEAUVOIR, 2005, p. 22-23).

Liberdade e situações-limite.

"(...) o homem não cria o mundo; ele só consegue desvelá-lo através das resistências que esse mundo lhe opõe; a vontade só se define suscitando obstáculos; e por meio da contingência da facticidade, alguns obstáculos se deixam vencer, outros não" (BEAUVOIR, 2005, p. 29).

"Mas a revolta enquanto puro movimento negativo permanece abstrata; ela só se realiza como liberdade quando retorna ao positivo, isto é, quando dá a si um conteúdo através de uma ação: evasão, luta política, revolução; então a transcendência humana visa com a destruição da situação dada a todo futuro que decorrerá de sua vitória; ela reata sua relação indefinida consigo mesma. Há situações-limite em que esse retorno ao positivo é impossível, em que o futuro é radicalmente barrado; então a revolta só pode se realizar na recusa definitiva da situação imposta, no suicídio" (BEAUVOIR, 2005, p. 31-32).

"Nunca puedo, en concepto de existencia empírica, librarme de estar en situaciones ; mi acciòn misma, por virtud de la cual yo cambio las situaciones y trato de producirlas, se me presenta, en sus consecuencias, como una situación que yo he condicionado y me es dada entonces. La situación se convierte en situación-límite (*Grenzsituation*) cuando despierta el sujeto a la 'existencia' por una radical conmoción de su existencia empírica. Estas situaciones-límites no podemos abarcarlas con la vista ; tras ellas no vemos nada más ; sólo podemos aclararlas." (JASPERS, 1958 [1932], p. 69; inglês, p. 93; alemão, p. 49).

Ser para morte e autenticidade.

"O que o teatro pode mostrar de mais tocante é um caráter se formando, o momento da escolha, da livre decisão que engaja uma moral e toda uma vida. A situação é um apelo; envolve-nos, propõe-nos soluções; cabe a nós decidir. E para que a decisão seja profundamente humana, para que ela coloque em jogo o homem em sua totalidade, é preciso levar à cena, a cada vez, situações-limite, isto é, situações que apresentam alternativas, sendo a morte um do termos" (SARTRE, 1973, p. 20).

Em *O ser e o nada*, Sartre faz uma análise fenomenológica da situação (p. 600-671).

"A morte é um termo da série considerada, e, como se sabe, cada termo de uma série está sempre presente a todos os termos da mesma. Mas a morte assim recuperada não permanece simplesmente humana, mas torna-se *minha*; ao interiorizar-se, ela se individualiza; já não é mais o grande incognoscível que limita o humano, mas o fenômeno de *minha* vida pessoal que faz desta vida uma vida única, ou seja, uma vida que não recomeça, uma vida na qual não podemos ter uma segunda chance. Com isso, torno-me responsável por *minha* morte, tanto quanto por minha vida" (SARTRE, 2011, p. 652-653).

"Acaba finalmente en las *situaciones limites*, de las cuales la primera es mi condición misma en el mundo y las otras se experimentan en la muerte, el sufrimiento, el combate y la falta. (...) La existência humana es *ser-para-la-muerte*. Morir de mi muerte es, en efecto, la sola cosa que nadie podrá hacer por mí. Mi muerte es mi posibilidad más personal, la más auténtica y la más absurda al mismo tiempo. No está en el extremo de mi vida, está presente en cada momento de mi vida, en el acto mismo de vivir" (MOUNIER, 1973, p. 71-72).

"Há mais um aspecto do pensamento de Mounier que teve grande influência nos progressistas católicos. Como outros existencialistas, Mounier expressa profunda preocupação por uma vida de autenticidade, através de escolha cuidadosa e honesta entre as opções que se apresentam no dia a dia. (...) Além disso, a ênfase na autenticidade por meio de opções livres propiciou suporte filosófico de outra importante característica: o horror populista a qualquer ação que restringisse a liberdade de escolha das pessoas, que as forçasse a seguir direções que não fossem genuinamente delas. A contribuição do povo para a elaboração e para a construção da nova sociedade era vista como essencial" (KADT, 2007, p. 119-120).